



SAUDAÇÃO A WALT WHITMAN

[...] Eu, engenheiro como profissão, farto de
[tudo e de todos,
Eu, exageradamente supérfluo,
[guerreando as coisas
Eu, inútil, gasto, improfícuo, pretensioso e
[amoral,
Bóia das minhas sensações desgarradas
[pelo temporal,
Âncora do meu navio já quebrada prò
[fundo
Eu feito cantor da Vida e da Força –
[acreditas?
Eu, como tu, enérgico, salutar, nos versos –
E afinal sincero como tu, ardendo com ter
[toda a Europa no cérebro,
No cérebro explosivo e sem diques,
Na inteligência mestra e dinâmica,
Na sensualidade carimbo, projector, marca,
[cheque
Pra que diabo vivemos, e fazemos versos?
Raios partam a malandrice que nos faz
[poetas,
A degenerescência que nos engana artistas,
O tédio fundamental que nos pretende
[enérgicos e modernos...
[...] Isto, afinal é saudar-te?
Seja o que for, é saudar-te,
Seja o que valha, é amar-te,
Seja o que calhe, é concordar contigo...
Seja o que for, é isto. E tu compreendes, tu
[gostas,
Tu, a chorar no meu ombro, concordas,
[meu velho, comigo –
(Quando parte o último comboio? –
Vilegiatura de Deus...)
[...]Seja onde for a Estação, lá nos
[encontraremos...
Espera-me à porta, Walt; lá estarei...

Álvaro de Campos /
Fernando Pessoa
(1888 – 1935)



LAVOISIER

**Na poesia,
natureza variável
das palavras,
nada se perde
ou cria,
tudo se transforma:
cada poema,
no seu perfil
incerto
e caligráfico,
já sonha
outra forma.**

Carlos de Oliveira
(1921 – 1981)



O NOSSO MUNDO É ESTE

O nosso mundo é este
Vil suado
Dos dedos dos homens
Sujos de morte.

Um mundo forrado
De pele de mãos
Com pedras róidas
Das nossas sombras.

Um mundo lodoso
Do suor dos outros
E sangue nos ecos
Colado aos passos...

Um mundo tocado
Dos nossos olhos
A chorarem musgo
De lágrimas podres.

Um mundo de cárceres
Com grades de súplica
E o vento a soprar
Nos muros de gritos.

Um mundo de látegos
E velas negras
Com braços de fome
A saírem das pedras...
[...]

Pois os homens sabem
E cantam e cantam
Com morte e suor.

O nosso mundo é este...
(Mas há-de ser outro.)

José Gomes Ferreira
(1900 – 1985)



A FORMA JUSTA

Sei que seria possível construir o mundo justo
As cidades poderiam ser claras e lavadas
Pelo canto dos espaços e das fontes
O céu o mar e a terra estão prontos
A saciar a nossa fome do terrestre
A terra onde estamos – se ninguém
[atraíçoasse – proporia

Cada dia a cada um a liberdade e o reino
Na concha na flor no homem e no fruto
Se nada adoecer a própria forma é justa
E no todo se integra como palavra em verso
Sei que seria possível construir a forma justa
De uma cidade humana que fosse
Fiel à perfeição do universo

Por isso recomeço sem cessar a partir da
[página em branco
E este é meu ofício de poeta para a
[reconstrução do mundo

Sophia de Mello Breyner Andresen
(1919 – 2004)

